

RELAÇÕES, POSSIBILIDADES E LIBERDADE DOS CORPOS:  
ANALISANDO A ALIENAÇÃO E EMANCIPAÇÃO NO BONDAGE,  
DISCIPLINA, DOMINAÇÃO, SUBMISSÃO, SADISMO  
E MASOQUISMO (BDSM) PELA ÓTICA DA PSICOLOGIA SOCIAL

*Relations, possibilities and freedom of bodies: analyzing  
the alienation and emancipation in Bondage, Discipline,  
Dominance, Submission, Sadism and Masochism (BDSM)  
from the social psychology perspective*

*Relaciones, posibilidades y libertad de los cuerpos: analizando  
la alienación y la emancipación en bondage, disciplina,  
dominación, sumisión, sadismo y masoquismo (BDSM)  
desde la perspectiva de la psicología social*

MARCELO VINICIUS COSTA AMORIM,<sup>1</sup> ALINE BRENTINI,<sup>2</sup> MARIA  
VITÓRIA FERREIRA<sup>3</sup> Y FERNANDO CÉSAR PAULINO-PEREIRA<sup>4</sup>

<https://doi.org/10.17533/udea.rp.e348107>

## Resumo

Neste artigo se realiza uma análise teórica retomando narrativas materializadas em certo portal da rede de computadores, relatos de brasileiros praticantes de BDSM no início

do século XXI. Acompanhamos como as práticas sexuais são permeadas por políticas de identidade, jogos de alienação e emancipação. Partimos da Psicologia social em

Recibido: 27-01-2022 / Aceptado: 02-08-2023

Para citar este artículo en APA: Costa Amorim, M. V. Brentini, A., Ferreira, M. V. y Paulino-Pereira, F. C. (2024). Relações, possibilidades e liberdade dos corpos: analisando a alienação e emancipação no BDSM pela ótica da psicologia social. *Revista de Psicología Universidad de Antioquia*, 16(1), e348107. <https://doi.org/10.17533/udea.rp.e348107>.

<sup>1</sup> Psicólogo, mestre e doutorando em Estudos da Linguagem, Universidade Federal de Catalão (UFCAT); [morimpsi@gmail.com](mailto:morimpsi@gmail.com). <https://orcid.org/0000-0001-8916-7779>.

<sup>2</sup> Psicóloga, mestranda em Psicologia, UFG. <https://orcid.org/0000-0002-3866-1715>.

<sup>3</sup> Psicóloga. <https://orcid.org/0000-0002-9411-7650>.

<sup>4</sup> Professor adjunto da Universidade Federal de Catalão (UFCAT). Psicólogo. Bacharel em Teologia. Mestre em Ciências da Religião. Doutor em Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Pós-Doutorado pela PUC-SP em Psicologia Social. <https://orcid.org/0000-0003-3105-4434>.



diálogo com perspectivas filosóficas e antropológicas. Via método qualitativo e análise do conteúdo, realizamos leitura interpretativa de relatos de experiência divulgados na internet. As práticas sexuais singulares do BDSM em batimento com a realidade historicamente produzida é um fenômeno para pensarmos conceitos como consciência política e identidade. Refletimos sobre afetos, preconceitos e papéis sociais, aspectos da construção social

da realidade. Compreendemos encontros entre corpos nas práticas sexuais BDSM como espaço privilegiado de atividades para desideologização e superação de preconceitos acumulados na consciência via socialização na vida cotidiana.

**Palavras-chave:** Brasil, psicologia social, sexualidade, consciência política, emancipação.

## Abstract

This article is the result of an analysis of narratives materialized in a certain portal of the computer network, Brazilian practitioners of BDSM in the beginning of the 21st century. We kept up with how sexual practices are permeated by identity politics, alienation and emancipation games. We start from social psychology in dialogue with philosophical and anthropological perspectives. Using a qualitative method and content analysis, we performed an interpretive reading of experience reports posted on the internet. The unique sexual practices of BDSM in conflict

with the historically produced reality is a phenomenon for us to think about concepts such as political awareness and identity. We reflect on affections, prejudices and social roles, aspects of the social construction of reality. We understand encounters between bodies in BDSM sexual practices as a privileged space for activities for de-ideologizing and overcoming prejudices accumulated in consciousness via socialization in everyday life.

**Keywords:** Brazil, social psychology, sexuality, political consciousness, emancipation.

## Resumen

Este artículo es el resultado de un análisis de narraciones materializadas en cierto portal de la red informática, relatos de practicantes brasileños de *bondage*; disciplina y dominación; sumisión y sadismo, y masoquismo (BDSM) a principios del siglo XXI. Seguimos cómo las prácticas sexuales son permeadas por políticas de identidad, juegos de alienación y emancipación. Partimos de la psicología social en diálogo con perspectivas filosóficas y antropológicas. Por medio de un método cualitativo y análisis de contenido, realizamos una lectura interpretativa de relatos de experiencia publicados en internet. Las prácticas sexuales singulares del BDSM en consonancia

con la realidad históricamente producida es un fenómeno para que reflexionemos sobre conceptos, como la conciencia política y la identidad. Reflexionamos sobre los afectos, los prejuicios y los roles sociales, aspectos de la construcción social de la realidad. Entendemos los encuentros entre cuerpos en las prácticas sexuales BDSM como un espacio privilegiado de actividades de desideologización y superación de prejuicios acumulados en la conciencia mediante la socialización en la vida cotidiana.

**Palabras clave:** Brasil, psicología social, sexualidad, conciencia política, emancipación.

## Introdução

O presente artigo visa contribuir com reflexões sobre a identidade a partir de análise de narrativas de histórias de vida dispostas no ciberespaço. Nosso estudo se sustenta pelas contribuições de determinada Psicologia Social, “inaugurada” no Brasil na década de 1980 com Silvia Lane. Sua base epistêmica está no materialismo histórico dialético, considera-se o “homem” em movimento (Lane, 2012b). O conceito de identidade em Ciampa (2001; 2012) nos é substancial. Com este autor buscamos analisar determinado material tendo em vista as concepções teóricas de alienação e emancipação. Nossa pesquisa se constrói via análise de relatos de indivíduos praticantes de Bondage, Disciplina, Dominação, Submissão, Sadismo e Masoquismo (BDSM), grupo nuançado por certos comportamentos erotizados.

Analisamos a construção do comportamento humano em seu aspecto político, acionando pontos de intersecção com a Sociologia, Antropologia e Filosofia. Persiste o foco nas relações humanas, sendo essas intermediadas pela linguagem e inseridas em uma vida material corrente. Buscamos compreender indivíduos que podem ganhar ou perder autonomia na interação com representações e valores historicamente construídos e suas reproduções ideológicas que tem a ver com tomada de consciência de si e do mundo (Lane, 2012b).

Justificamos nossa pesquisa a partir da reflexão tensionada a respeito da consciência de si e do coletivo, em um fazer teórico-prático enquanto ato político. Partimos da concepção de homem enquanto seu movimento possível. Consideramos a realidade social historicamente construída e o homem em constante transformação (Ciampa, 2001; 2012).

Diante de certas evidências antropológicas, e algumas concepções advindas de teóricos da sociedade, argumentamos e problematizamos a respeito do que se entende por necessidades humanas. Nos interessa pensar sobre questões históricas e culturais uma vez que nas relações sociais intensifica-se nosso caráter de plasticidade (Ciampa, 2001). É justamente nas socializações e no intermédio e aquisição da cultura que se define o funcionamento das práticas cotidianas. Inseridos na cultura construímos também a atividade sexual, assim se formula práticas muito distintas e exóticas (Rubin, 2017). Buscamos uma

aproximação entre as abordagens psicossociais e sociológicas. Após a leitura e interpretação das narrativas específicas, refletimos sobre as práticas BDSM pensando seus efeitos na construção da identidade e da consciência política.

Pressupondo que a temática construída pela ressonância do movimento BDSM suscita um trabalho científico pautado na interdisciplinaridade, discutimos a identidade, papéis sociais, preconceito e emancipação humana não apenas no âmbito da psicologia social, mas embasados principalmente no diálogo com outros campos das ciências humanas. O propósito é compor campo reflexivo sobre questões obscuras e estigmatizadas. Com isso, testamos a hipótese de que: ao incluirmos o tema das atividades sexuais em nossa reflexão, obtemos importantes elementos para pensar as estruturas da vida cotidiana.

Sobre a temática BDSM, articulamos a leitura nos *entres* do movimento da vida. Atentos a sexualidade e as questões sociais e políticas intrínsecas a esta, problematizamos a identidade pessoal em sua totalidade. Em suma, buscamos verificação/análise da experiência com o corpo na contemporaneidade em uma perspectiva social.

Nosso objetivo geral consiste em compreender como a atividade sexual no BDSM se apresenta enquanto aspecto da construção da identidade pessoal e consciência política. Pensar práticas sexuais e “perseguir” a hipótese em que, tal reflexão subsidia certa análise de identidade, coloca em evidência a complexidade própria da vida humana em sua atividade cotidiana. Enquanto objetivos específicos elencamos: a) Investigar os efeitos das políticas de identidade que atravessam os indivíduos praticantes do BDSM; b) Articular o dito/materializado, nas relações de identidade do fenômeno BDSM e as questões concernentes à consciência política em uma análise do jogo de alienação e emancipação.

## Percurso metodológico

Utilizamos a pesquisa qualitativa, esta em “que o investigador sempre faz alegações de conhecimento com base principalmente ou em perspectivas construtivistas ou em perspectivas reivindicatórias/participatórias ou ambas” (Creswell, 2007, p. 35), cujo seus dados “são colhidos num processo de idas e voltas, nas diversas etapas da pesquisa” (Chizzotti, 2000, p. 89). A Análise de conteúdo

nos serve para captação de representações e demais dados referentes à pesquisa. Lane (2012a) traz que pelo estudo das representações é possível pensar amplamente sobre proposições como, por exemplo, a “consciência de si” e a “alienação”, bem como dialogar entre concepções psicológicas e sociológicas. Temos, portanto, a palavra como representação, arma social, questão de poder e artefato de luta, permitindo-nos confrontar seus diferentes significados e valores. Assim, “submisso” e “dominador” são as duas categorias de análise que nos orientam sobre processos da composição da identidade em relação à prática do BDSM. Inicialmente coletamos oito relatos de praticantes BDSM, materializados no início do século XXI, destes, selecionamos dois relatos que se destacavam pela riqueza de detalhes divididos pela categoria “submisso”, outro na categoria “dominador”, para então subsidiarem nossa análise. Tal como trabalho de Silva (2018), analisamos material de domínio público, ou seja, que não apresenta restrições de uso para investigação, questão ética.

Para Chizzotti (2000, p. 98) a análise de conteúdo “se aplica à análise de textos escritos ou de qualquer comunicação (oral, visual, gestual) reduzida a um texto ou documento”. Via compreensão crítica dos elementos e dos sentidos comunicados, analisamos *corpus* constituído de recortes de material disponível em um site específico, onde uma comunidade de praticantes do BDSM narra suas experiências. Trata-se de um material publicado na *internet*, cumpre-se anonimato e atende o livre acesso.

Pautado em narrativas, nosso estudo considera o contexto, ancora-se na realidade (Creswell, 2007). Na análise de conteúdo há caminhos para apreensão e interpretação, tanto de elementos explícitos como de implícitos (Chizzotti, 2000). As narrativas de vida nos oferecem um importante material para pensarmos as questões da identidade (Ciampa, 2001).

## Reflexões e resultados de análise

A realidade possui seus aspectos objetivos e subjetivos. A fim de compreendê-la, é necessário nos debruçarmos para o seu processo dialético, que segundo Berger e Luckmann (2014) é composto de três momentos, sendo estes; a exteriorização, a objetivação e a interiorização. O indivíduo nasce com a predis-

posição de se tornar membro da sociedade. Tornar-se humano é se relacionar com os fenômenos sociais, processo envolvendo mutuamente indivíduo e sociedade, dentro da perspectiva da ontogênese e da socialização. Assim, com a primeira socialização que é carregada de emoção – primeiros círculos sociais, como a família –, e a socialização secundária que acontece nos grupos institucionais, a vida cotidiana vai sendo internalizada, mantendo-se na consciência dos indivíduos (Berger e Luckmann, 2014). Os processos sociais se engendram em realidade subjetiva e objetiva, entrando em sintonia, suprimindo eventuais dúvidas a respeito da realidade dada.

Nessa perspectiva podemos refletir sobre a construção da identidade, elemento principal da realidade subjetiva, objeto de estudos de algumas teorias psicológicas. Ciampa (2001) reivindica o olhar sobre o indivíduo em sua relação com os outros, recusa-se o prisma do individualismo e privilegia a concepção de identidade articulada com a diferença e a igualdade. A realidade está em movimento e transformação, a identidade é cambiante.

Embora a questão do nome próprio suscite uma ideia de imutabilidade do ser humano, imerso na sociedade, um nome não é mais que uma representação. É pelo estudo desta e de outras representações que poderemos desvelar contradições, lacunas e ideologias do contexto sociocultural (Lane, 2012a). Na afirmação de Goffman (2014): são as representações que orientam os sujeitos no mundo, as “encenações” do cotidiano não se baseiam em um fato biológico ou um conhecimento detalhado e avaliado previamente, mas em um repertório pré-estabelecido de ações de uma socialização antecipada.

A socialização, a institucionalização e as diferentes relações cotidianas são argamassa da identidade, cerceiam os impulsos biológicos do indivíduo. A canalização dos impulsos biológicos para direções mais socialmente que biologicamente estabelecidas é a essência do convívio em sociedade. Assim, com grande parte de suas diretivas biológicas suprimidas por uma socialização, o ser humano além de poder praticar hábitos alimentares impensados, às vezes totalmente avessos à manutenção da vida, também poderá se ligar sexualmente a uma infinidade de objetos (Berger e Luckmann, 2014). A socialização opera de maneira coercitiva propondo restrições em quantidade infundável, ao passo que promete uma coesão da sociedade para o bem viver. Muitos

produtos sociais são erguidos sobre os corpos de homens e mulheres, somos o “terreno” para o cultivo das atividades da moral, da ciência e do saber comum, de uma maneira mais geral a história mostra isso. No entendimento de Rubin (2017) tanto as práticas sexuais como as questões de gênero e o trabalho de procriação são transformados incessantemente pela atividade social através dos milênios, assim, sexo, identidade de gênero, desejo ou mesmo a fantasia sexual são todos produtos sociais.

Se por essa perspectiva consideramos que ao viver em sociedade, homens e mulheres estão fadados a processos de alienação, ao mesmo tempo em que estão em ininterruptos processos de transformação da realidade e consequentemente de si mesmos, pressupomos a existência de uma relativa heterogeneidade de funcionamento sexual de grupos e comunidades. Destarte, o estudo sociológico da vida coletiva, das informalidades, dos estigmas, das diferenças, significações e reorganizações, ganha relevância para entendermos quando se é possível criar muito ou pouco de um “novo eu” ou mesmo do quanto estamos criando pouco ou muito de um “novo nós” (Goffman, 2008).

Por conseguinte, estudar um indivíduo não é tomá-lo como objeto isolado, é necessário teorizar sobre os grupos, bem como não perder de vista o que Lane (2012b) destaca como determinações históricas dos membros de um mesmo grupo. Portanto, deve-se levar em consideração as relações de produção da sociedade em cada momento específico, a questão de consciência de classe, de si e do social. Segundo Rubin (2017, p. 29), se torna urgente “estudar cada sociedade para identificar os mecanismos exatos que produzem e mantêm suas próprias convenções sobre a sexualidade”, uma análise política e/ou econômica se torna incompleta ao excluir as relações íntimas, de foro privado e as suas práticas sexuais.

Novamente a questão da identidade ganha importância, pois ela é em parte um reflexo de múltiplas estruturas, diz das relações sociais, sendo cada momento da existência um pequeno desdobramento da totalidade (Ciampa, 2012). Identidade como verbo, processo, identidade-metamorfose. O conceito de identidade concebido por Ciampa diz de um sujeito em seu momento histórico e tal identidade deve ser compreendida enquanto “metamorfose” que se materializa via personagens, ideia de dinamismo (Lara Júnior e Lara, 2017).

Nas reflexões de Souza Filho e Santos (2017, p. 2), Ciampa contribui para a construção da Psicologia Social Crítica com sua tese em que constituímos nossa identidade sobretudo “em um processo de construção histórica, em uma relação dialética com o mundo, na qual a identidade emerge como a síntese mediante os diversos personagens que os sujeitos assumem e os significados e sentidos a eles atrelados”. Assim poderemos apontar para um engajamento consciente em um projeto político feito coletivamente, identidade humana que se encontra profundamente envolvida na relação indivíduo e sociedade. Ciampa (2001; 2012) nos mostra como a identidade, pela ótica da narrativa de vida, é caracterizada pela plasticidade, composta pelo próprio movimento/alternância de papéis sociais. A identidade é ação, o que se faz na vida cotidiana tem relação direta com os níveis de alienação e emancipação. Se a natureza do homem e da mulher é social e histórica, a expressão dessa natureza é a contínua hominização relacionando as configurações da identidade com as de ordem social. Portanto, há devir humano não se resume na subjetividade ou consciência (conceitos abstratos ou definitivos – risco idealista), nem só como objetividade (risco materialista-mecanicista).

Problematizamos se a realidade social pulveriza ou mesmo impõe identidades-modelo a serem perseguidas pelos membros da sociedade, determinando-os em uma existência cristalizada para vida sexual. O âmbito mais sutil e particular e sua relação com o coletivo, conserva propostas de identidades nas práticas concernentes às relações de produção. Sobre essa questão, discutir alguns aspectos que tocam as políticas de identidade faz parte da base da análise que propomos para as páginas seguintes.

No estudo de Paulino-Pereira (2014) encontramos reflexões a respeito da existência de certo aparato de determinações sociais/regras sociais de como “ser” uma pessoa. É dentro dos trâmites de tais determinações que encontramos níveis de individuações, bem como as possibilidades de autonomia das pessoas frente às diversas políticas de identidade que circulam na sociedade. Pensar com o conceito de políticas de identidade, enquanto próprio de um fenômeno social, permite investigar a existência de uma rede normativa, sujeições específicas na composição de comportamentos e o controle de nossas relações interpessoais.



Pensando as configurações das relações humanas, especificamente nas atividades sexuais, Preciado (2017) ressalta que a atividade sexual embora possa se passar por natural, é intensamente alvo de técnicas e políticas que visam controlar e normatizar em nome de uma assimetria de poder, privilegiando o domínio masculino sobre o feminino, isto é, há uma heteronormatividade imposta nessas relações, adestrando os corpos e estabelecendo padrões sexuais e de gênero. Papéis e práticas sexuais, sobre essa perspectiva, são sistemas arbitrários de regulação dos corpos. A disparidade do poder argumentada por marcadores biológicos, na verdade se encontra também no social, em estratégias de discursividades, circulando livremente entre os corpos e configurando performances (Preciado, 2017). Isso diz da maneira que é construída a sexualidade. Entendemos o corpo como o todo orgânico biopsicossocial e compreendemos seu funcionamento a partir da identidade pessoal.

Pierre Bourdieu (2017, p. 33) considera que “o próprio ato sexual é pensado em função do princípio do primado da masculinidade”. Sua análise mostra a instituição da realidade via privilégio da força/poder de certos indivíduos sobre outros, incluindo formalidades e intimidades do cotidiano. Embora a pesquisa de Bourdieu tenha um enfoque na disparidade da relação entre os gêneros masculino e feminino, nos contribui com as reflexões sobre as relações humanas, fomento para diferentes estudos sociológicos sobre a construção das práticas sexuais, por exemplo.

Para entender as inúmeras facetas das relações humanas em sua complexa articulação, partimos de Heller (2014, p. 31) e sua concepção de “vida cotidiana”, ou seja, a vida do homem inteiro, “o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela, colocam-se ‘em funcionalidade’ todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, ideias, ideologias”. A pensadora marxista nos apresenta aporte teórico-filosófico para reflexão sobre estatuto dos pensamentos e comportamentos do ser humano inserido em um grupo social em dado momento histórico. Pensar a vida cotidiana é propor uma análise histórica e a experiência da vida em suas atividades sociais. É preciso criticar perspectivas fatalistas que tomam o ser humano enquanto um dado acabado, em privilégio de percebermos sua concretude na

inserção e no movimento pelo tecido social. É emergente incluir os afetos e consequentemente os preconceitos constituintes de uma identidade pessoal.

Sobre a vida cotidiana buscamos descrever os traços “orgânicos” de uma sociedade, cumpre recordar na história os séculos de puritanismo e interdição do corpo, assim como os mecanismos de vigilância, pedagogia e incitação da sexualidade<sup>1</sup>. Embora não seja o foco de nossa pesquisa, salientamos a existência de múltiplos estudos, por diferentes áreas e disciplinas que tratam da questão da atividade sexual que se distanciam e se aproximam pelas suas bases epistêmicas. Diferentes estudos (Facchini e Machado, 2013; Ferreira, 2014; Nunes e Pereira, 2022; Silva, 2018) nos mostram que nas investigações sobre o BDSM há uma preferência de reflexões baseadas nas contribuições teórica-metodológicas da Análise do Discurso. Sobre o BDSM encontramos a tensão entre perspectivas; de um lado os praticantes, do outro os saberes médicos (Facchini e Machado, 2013; Zilli, 2018). Por bastante tempo certas práticas sexuais que compõe o movimento BDSM permaneceram classificadas enquanto comportamentos patológicos (Zilli, 2018).

Assim pensamos na hipótese de haver intensa socialização/veiculação de políticas de identidades específicas para uso do corpo, o que diz respeito à construção e enfraquecimento da autonomia de maneira geral. Há uma categorização do movimento da identidade em Ciampa (2001), uma é a mesmice de si imposta, reposição de papéis e consciência sem modificações, questão de alienação. Por outro lado, há a possibilidade de um movimento que modifica a consciência, a mesmidade, metamorfose própria de sustentação de vias emancipatórias. Para Ciampa (2001; 2012) a identidade é movimento, consonância com a vida. Buscamos superar as barreiras alienantes. De alguma maneira a transformação própria da identidade objetiva emancipar-se daquilo que nos impede de construir diferenças (Souza Filho e Santos, 2017).

<sup>1</sup> Destaque para o trabalho do filósofo Michel Foucault, *História da sexualidade*, publicado no Brasil pela Editora Paz & Terra em quatro volumes. No terceiro e último eixo de seus estudos, Foucault apresenta aos leitores uma extensa pesquisa a respeito do comportamento sexual, os usos dos prazeres, as tecnologias de si e as práticas de confissão a respeito do desejo e da “carne”. Vale ressaltar que Foucault faz uma leitura histórica do ponto de vista discursivo, trazendo o conceito de dispositivo (articulação de elementos heterogêneos) para se pensar o funcionamento da sexualidade no mundo Ocidental, bem como as suas relações de poder ressaltando discursos que denunciam a existência da formação de governo de condutas do corpo. Abandona-se a hipótese repressiva do poder, entra em jogo a questão da incitação, sedução, via tecnologias e estratégias sutis. O poder se exerce. O discurso circula.

Sobre a própria prática repressiva e seus desdobramentos para a vida social, Preciado (2017, p. 108) aponta que “toda técnica que faz parte de uma prática repressiva é suscetível de ser cortada e enxertada em outro conjunto de práticas, reapropriada por diferentes corpos e invertida em diferentes usos, dando lugar a outros prazeres e outras posições de identidade”. Para este filósofo, em meados do século XX acompanhamos movimentos de reapropriação e subversão mais contundente das técnicas e usos do corpo, tais mudanças são mais fortemente protagonizadas pelas “subculturas” homossexuais e S&M, compondo assim sexualidades alternativas. A sigla S&M vem de sadismo e masoquismo, que no conjunto de; *bondage*, disciplina, dominação e submissão, constituem a sigla BDSM. A sigla em si passou a existir abordando um enorme conjunto, bastante heterogêneo, de atividades e maneiras de relações humanas, neste caso, relações interpessoais carregadas de erotização (Grynbaum, 2011). No contexto contemporâneo as práticas dos grupos BDSM contrastam com quaisquer normas sociais hegemônicas, movimenta o que é ou não é tolerado enquanto prática sexual.

Zilli (2018) constrói uma leitura singular para compreender a prática BDSM. Articula a perspectiva dos praticantes e os ‘olhares’ de disciplinas especializadas, tal como a psiquiatria e a sexologia considerando discursos que circulam na internet. Avalia o processo histórico de como a ciência construiu seu olhar sobre as práticas sexuais. O trabalho de Nunes e Pereira (2022) parte de entrevistas para construção do material de análise e termina por considerar que o BDSM e sua “arte” promove uma multiplicação das possibilidades eróticas sintetizando não apenas um grupo dissidente, mas todo um movimento de luta, prática de resistência, inventividade. Em Silva (2018) nos deparamos com o uso da “netnografia” (etnografia virtual) tomando como objeto algumas narrativas no ciberespaço. Considera a importância da internet “enquanto meio de comunicação mundial” e via de construção de relações entre diferentes culturas e pessoas, afinal o mundo digital cumpre ampliar, dentre outras coisas, o próprio movimento do BDSM (Silva, 2018, p. 3312).

Investigar elementos sobre as relações sociais nos é urgente. A própria diversidade sexual, suas relações estabelecidas, se apresentam como um campo fértil para pesquisa em Psicologia. Nesse percurso pode-se articular a ideo-

logia, as políticas públicas e os direitos humanos. Objetos de pesquisa para o campo da Psicologia Política, que por sua vez, além de fazer uso da teoria das representações sociais de Serge Moscovici, entre outros autores e conceitos, se ancora também na concepção do modelo de consciência política de Salvador Sandoval (Sandoval et al., 2014). Sublinhamos a consciência política como meio de decifração de questões primordiais sobre a mobilização e desmobilização política, tanto em parâmetros individuais como para esferas coletivas. Em uma análise da consciência política, privilegia-se de certa maneira os aspectos do comportamento político. Para Sandoval e Silva (2016), a consciência política engloba algumas categorias como; identidade, conjunto de crenças, cultura e experiências vividas. Tem a ver com consciência de si, consciência sempre social. Trata-se de uma concepção teórica que parte “de algumas premissas comuns: a reciprocidade existente entre sujeito e sociedade, a mediação desse processo pela identificação e apropriação da atitude do grupo de pertença e a possibilidade de se aprofundar progressivamente a consciência política” (Sandoval e Silva, 2016, p. 33). Desta maneira, pensar a consciência política é levar em consideração a socialização e a metamorfose própria da identidade.

Logo, nossa proposta de análise considera as possibilidades do “Eu” articular determinantes das estruturas e também das instituições, desvelando a concretude do processo com seu caráter de via dupla entre sujeito e sociedade. É preciso problematizar a experiência entre indivíduo e Estado na “construção da identidade coletiva com o grupo de pertença” (Sandoval e Silva, 2016, p. 33). Sobre as potencialidades que o uso do conceito de consciência política implica, pode-se analisar não apenas os espaços povoados por engajamento político, mas também situações em que tal atividade politizada inexistente. Uma análise nesta perspectiva inclui o processo anterior do desenvolvimento e as possibilidades de existência da consciência dos indivíduos enquanto suas tomadas de decisões.

Para pensarmos a socialização e a consciência de praticantes do BDSM, selecionamos duas categorias explícitas deste grupo, o submisso e o dominador. Na materialidade de cada relato, apreendemos parte da concretude da identidade, devidamente encarnada nas palavras.

## Perspectivas de um submisso (*slave*)

Relatos de experiências permitem apreensão do pensamento e dos afetos materializados nas palavras, são resquícios de cada realidade específica. Em especial, um fetichista que assume o papel de *slave* nos guiará nesta primeira empreitada, chamaremos de Submisso<sup>2</sup> (2019), às vezes ‘escravo’. Em seu relato, Submisso traz com detalhes minuciosos da atmosfera de um encontro BDSM, além do contato corporal, engloba os afetos que são iniciados em uma pré-sessão, que é descrito como “um misto de tesão e curiosidade” que toma o corpo em intensa excitação, como se as veias borbulhassem, aguça-se estímulos e percepções, açambarcando também as suas reflexões que subjazem na prática. Submisso entende estar diante de um jogo de forças entre poder e controle, cita pensamento nietzschiano e se recorda da vontade de potência, entra em impasses para vencer “seus bloqueios” mais profundos, acalenta o corpo com um jogo exótico e erótico face a face.

O praticante se depara com as considerações sobre si mesmo, articulando sua perspectiva diante dos outros que estiveram envolvidos no evento específico de um encontro de práticas sexuais devidamente alternativas. A narrativa sinaliza a constatação de que o BDSM não é sintetizado enquanto prática mecanizada, em que cada um se fecha em seu papel a cumprir um protocolo. No BDSM, na perspectiva do Submisso, se desenrola uma esquemática que adiciona a preocupação com o outro e a perspectiva de si diante do outro. A narrativa expõe que o desenrolar da prática está caracterizada enquanto intenso rastreo e investigação do prazer, limites e sensações que compõe cada indivíduo participante. Implanta um processo contínuo de dupla afetação, onde há perspectiva mútua e uma presença de incentivos para a redescoberta do eu escamoteado pela “normalidade”. Ser submisso no BDSM é propor construção de vias para que o “eu enclausurado” se movimente.

Submisso (2019) entende ser tomado por curiosidade e forças da imaginação, até que o contato do olhar com o outro praticante revela a intimidade própria do objetivo que os une: a preocupação com o prazer do par. Nas palavras do praticante, a ideia de se abrir a novas experiências articula com um

<sup>2</sup> Submisso, escravo, *slave* ou apenas sub, são as maneiras dos praticantes de BDSM se referirem e atribuírem certa posição que se ocupa dentro da prática.

propósito de excitação, descoberta ou mesmo uma espécie de reconfiguração do eu, entendido enquanto um rompimento de limites ou mesmo uma experiência de aprendizagem.

O papel de submisso expressa a prática BDSM enquanto provável superação de “preconceitos”, no entendimento que tal “experiência pôde ser enriquecedora” (Submisso, 2019, relatos de fetichistas). O preconceito é imanente à vida cotidiana, todo indivíduo em sociedade possui sua própria gama de preconceitos, para Heller (2014) um grande número de preconceitos implicaria um alto grau de alienação. O fato de nosso protagonista do relato testemunhar sua exaltação diante da reflexão a respeito de seus próprios preconceitos, tem a ver com experiência/vivência de abertura ao novo, da saída do conformismo, onde encara o diferente como alternativa e também a oportunidade de criação de seus próprios julgamentos diante de uma experimentação de si com o outro. O novo se relaciona com a gama de possibilidades do universo humano, implica certa diversidade de efeitos de socialização e de se tornar humano, um constante processo cujo homem produz a si mesmo se furtando da fixidez de marcações biológicas ou não (Berger e Luckmann, 2014).

A partir das tipificações da socialização hegemônica, o BDSM se apresenta como uma relação social inusitada, inesperada, às vezes ignóbil, outrora abjeto. O pensamento vigente que circula no mundo social é composto por políticas de identidades que se transformam muito vagarosamente. O BDSM impõe motricidade deslocando os sentidos da submissão. Diferentes momentos de socialização são intensamente constituídos por intermédio da moralidade. A consequência é a própria restrição das “práticas” e formas de socialização, empobrecimento de diversidade. O BDSM neste sentido vigora como socialização e práticas sexuais possivelmente dissidente e subversiva. Quando colocamos como protagonismo a narrativa do interior do BDSM, deparamo-nos com um tipo de relação semelhante a um processo investigativo/(re)construtivo de si. Sua elaboração não parte mais da reprodução das estruturas maiores, pois é dissolvido certos procedimentos normatizados em primazia a uma inventividade.

A excitação se articula com a imprevisibilidade, “tempero” que se mostra fundamental para manter a sessão dentro do mais alto teor de sensualidade/erotismo. É este caráter de repentino, do inesperado, que explica em parte a

proporção de quebra de certas formalidades propostas para o campo sexual. O BDSM, portanto, exemplifica o que Rubin (2017) chama de autonomia dos sistemas sexuais, sistemas estes que se furtam de determinadas estruturas macro e adquirem especificidades cada vez mais singulares.

Os determinantes sociais podem se alinhar a processos desumanizadores ou não. Em uma sociedade capitalista de moral burguesa, boa parte deles corrobora para uma manutenção de realidade excludente e desintegradora do sentimento de coletividade. As relações sociais tendem a ojeriza de reinvenção de valores. Já o submisso é aquele que se submete em prol do movimento de resistência, luta por processos de construção de autonomia sobre o corpo. A relação com o outro é uma arena que o embate visa o prazer mútuo. Essa mutualidade é traduzida pelo consentir. Estudos (Gregori, 2014; Nunes e Pereira, 2022; Zilli, 2018) confirmam o fato de o “consentimento” ser elemento fulcral nas práticas BDSM.

Para Preciado (2017) a real autonomia frente aos jogos de poderes e dominações simbólicas alienantes pode situar-se no rearranjo de nossas práticas concernente à sexualidade. O autor enaltece o exercício da plasticidade na esfera sexual, cujo contato humano erotizado é só mais um campo de experiência da existência humana em transformação. Propõe o questionamento e problematização de políticas hegemônicas que esterilizam a fluidez da sexualidade. Determinadas políticas de identidade empobrecem a riqueza do corpo multifacetado, políticas redutoras a apelos morais e marcadores biológicos. Preciado (2017) defende uma espécie de ética e (re)formulação de contrato singular entre os corpos, cujo bússola deve ser o prazer coletivo desestabilizando o sistema de tutela. Paralelo as concepções destacadas, Submisso (2019) relata um trajeto para a conscientização de sua prática na medida que consegue situar sua participação ativa. A narrativa descreve a ruptura de certos contratos dados pelos processos de socialização antecedentes a sua experiência com BDSM. O ensaio de autonomia começa pela reformulação contratual onde os “assinantes” são consultados sobre sua distribuição de responsabilidades em iniciar/terminar uma sessão de BDSM. Praticar BDSM é ocupar a posição do proletário sexual em ‘desalienação’, onde a distribuição da mais valia do prazer é constantemente recalculada. Ao submisso, cabe os códigos de coordenação da maioria das ações

em uma sessão de BDSM. Repagina-se o sentido de escravo, a ‘submissão’ se alimenta da autonomia de decidir os parceiros, as práticas e a trajetória do próprio corpo na história. Constituir autonomias dos corpos é reeditar a sociedade via promoção da liberdade em detrimento da exclusão, assunção de novos espaços e a composição de diferentes relações em suas peculiaridades de roupagens, anseios, desejos e consciências. Prazer é escapar do assujeitamento, Submisso (2019) se coloca no trabalho de pesquisador de si, mas dentro do território coletivo. Fomenta a consciência da existência do outro, evidencia a permanência da metamorfose da identidade (Ciampa, 2001) em um contínuo vir-a-ser, ou seja, em um processo de trocas, movimento. Permanecem certas exigências políticas, de papéis e de determinantes sociais, mas nutre um movimento possível dentro da própria trama de determinantes. A identidade é porosa, seu movimento é imediatamente articulado com a consciência produzida no meandro das palavras e das relações, se esquivando de algumas cristalizações.

Contudo, a prática BDSM não é pura intencionalidade de subversão. Apenas evidenciamos neste primeiro gesto de análise que, o BDSM é prenhe de encontros candidatos à subversão das ordens instituídas no campo político dominante, a regência pela normatização da vida vem e vai enrijecendo onde há movimento. É certo que o BDSM na intersecção com o movimento gay, traz um apanhado para os combates necessários a dismantelar dominações simbólicas que estamos fadados, pois segundo Bourdieu (2017) tanto o movimento gay, como o próprio movimento feminista, quando oriundos de um estrato de inspiração crítica, reúnem capital cultural encorpando lutas subversivas em prol do universalismo, muito devido suas vantagens políticas no sentido da alterização.

A narrativa de Submisso (2019) se apresenta como um pequeno testemunho de emancipação. O BDSM pode arquitetar novos papéis sociais, inesperados, dentro da égide dominante. Com o tempo os praticantes de BDSM serão capturados pela repetição do sistema de dominação/alienação em novas roupagens? Cabe reflexões. Deve-se pensar se há neste campo práticas potentes para se fomentar continuamente novos modos de enfrentamento e emancipação. Vamos a outra análise, agora pensando com as palavras de um dominador.



## Pensando como dominador/mestre

*eu o vejo em um santuário de amor, não como escravo, mas como dono e senhor, deitando na otomana e tendo-a a seus pés. Vejo-me servindo-o de joelhos, a bandeja do chá tremulando em minha mão, e ele já estendendo a sua para o chicote.*

Leopold Von Sacher-Masoch (2008)

A narrativa do dominador é o outro lado da prática BDSM. Este segundo praticante, disserta sobre o lugar de “mestre”. Dominador (2019) narra os detalhes de sua prática e tece reflexões, percepções subjetivas, sobre o seu fazer enquanto membro do BDSM. O dominador-narrador inicia com questionamentos sobre níveis de consciência a respeito da prática sexual. Objetiva a suspensão das experiências vazias e mecanizadas que corriqueiramente somos impelidos na vida cotidiana. Critica as relações contemporâneas, que se por intermédio de aplicativos de relacionamento, codificam/reificam os afetos e encontros.

Após uma primeira crítica aos tipos de contatos e relações sexuais que estamos sujeitos, Dominador (2019) expõe que embora o universo BDSM traga uma proposta diferenciada do sexo mecanizado, tão promovido no cotidiano acelerado, a prática geralmente pode ser invadida pelo “mundo convencional” da sexualidade. Para o narrador, os praticantes se candidatam a posições questionadoras das convenções sociais tradicionais, problematizam as figuras de autoridades cotidianas, (re)inventam as roupas e maleabilizam as hierarquias dos ambientes formais que, de certa forma, influenciam o mundo profissional.

A contradição é nítida, os praticantes que outrora repudiavam autoridades e vestes, se exigem na prática BDSM a comporem papéis associadas às vestes específicas e a assunção de autoridade de um lado e subjugação de outro. Contudo, o próprio fetichista em questão, ao repudiar tanto a figura do executivo de terno, consegue no ato sexual, vivenciar o êxtase de poder “humilhar dois coelhos, figura e figurino, com uma mijada só” (Dominador, 2019, apêndice BDSM). O relato de experimentação do BDSM, apresenta catarse e alívio de tensões e, também, preparação de remodelagem de papéis cotidianos. Extravasa-se o estresse como quem expõe aos poucos o desprazer acumulado pela mesmice sexual. Para Dominador, praticante, os papéis que as pessoas assu-

mem no BDSM são inicialmente personagens em um fazer teatralizado, cujo passar do tempo-intensidade, enveredam na entrega aos prazeres e os desejos tácitos. Quem tem a oportunidade e se permite envolver-se nos detalhes do BDSM, descobrirá que “todo o resto da vida é que é uma interpretação. Uma mentira que a gente encena pras outras pessoas [sic]” (Dominador, 2019).

A possibilidade de vivenciarmos vários papéis sociais, no jogo de ocultação e revelação, reflete o movimento de encarnar um papel sem que necessariamente se destrua outro (Ciampa, 2001). Nosso personagem do relato ao assumir o papel de dominador/mestre, oculta os seus outros tantos papéis cotidianos, mas não deixa de vivenciá-los. A identidade pessoal é, também, a junção de todos os papéis ocultados e apresentados. A identidade se configura pela totalidade vivida, inclui corpo, afetos, papéis e valores. Percebemos que “o dominador também está satisfazendo um instinto reprimido. A parte sádica, cruel, manipuladora, egoísta que, corretamente, ele abafa no convívio social.” (Dominador, 2019).

Analisar o BDSM é considerar o funcionamento da totalidade da identidade, incluindo corpo e suas possibilidades de atividade sexual. Trata-se da construção específica de funcionamento na atividade do prazer. Nosso objeto de pesquisa, a identidade, em relação à perspectiva do corpo, promove abertura de territórios para o pensamento. Em releitura deleuziana, Preciado (2017) entende o corpo como território de cruzamento de órgãos e identidades, corpo-lugar de intensidades moventes.

Corpo é tomado por uma identidade inacabada, corpo-campo, onde as lutas políticas se presentificam e os embates de forças alienantes e emancipatórias ganham destaque. Consonante a consciência e observações do próprio Dominador (2109), o BDSM é espaço de encontros entre corpos oportunizando novos códigos e roupagens que acumulam propostas e saídas para outras existências. Há um progresso dentro da prática que se despede dos arranjos sociais cristalizados, do ponto de vista de políticas de identidade, minando convenções e acordos explícitos ou não, ao passo que possibilitam abertura ao que Preciado (2017) chama de convocação para uma política de “corpos falantes”. Transgressões de marcações do sexo biológico corrompem o binarismo do sexo convencional. A lógica de dominador e dominado macro-

política é desorientada, aos corpos devem restar à execução de um contrato de prazer mútuo, Dominador (2019) sente que o suor, gemidos e gozos impactam e fazem desaparecer o mundo da reprodução, emplacando-se a criação.

Ademais, o BDSM não configura uma organização pela luta social emancipatória. Mesmo motivados, em partes, por questões sociais, o grupo se especializa na experimentação de corpos, contratos de prazer e respeito entre os praticantes, isto é, organizam-se para uma mobilização politizada, no sentido de que o coletivo reivindicatório está expresso na abertura e sustentação de direitos. Quando mencionamos os movimentos sociais, articulamos a consciência política, a práxis e a luta pela reestruturação da realidade. O BDSM, seus praticantes, questionam e suspendem políticas de identidade, usurpam protocolos moralizantes. Nesse sentido, certas atividades/encontros colocam a realidade em suspensão, podendo modificar a consciência e os automatismos da vida cotidiana (Heller, 2014).

Entendemos o BDSM como laboratório de engajamento na militância contra certa ditadura do sexo, recusa do normativismo do saber-fazer do corpo e da recusa de uma cultura heteronormativa, visto que o campo da sexualidade é povoado por discursos retrógrados, recheados de tradições e tabus. Os debates internos do grupo tendem a exterioridade, os militantes do sexo, submissos ou dominadores, anunciam uma reflexão coletiva que poderá se tornar massa significativa para o poder subversivo. Identidades de militantes solos lutam contra a perversidade da alienação e da mesmice sexual dentro das sessões de BDSM.

Refletimos que os praticantes do BDSM comumente podem estar localizados em uma linha limite, entre fluxo contestador da realidade posta e repetidamente imposta aos novos membros da sociedade, e outro lado em que se tornam exploradores do próprio prazer, na intensa labuta de se redescobrir enquanto o eu-erotizado, este último que não obedece à trama moral, mas unicamente se encontra como investigador das próprias possibilidades. Risco de autoexploração. O descante de métricas de como se conduzir no ato sexual deve ser exercício contínuo. A estrutura capitalista permanece vivaz nas práticas sexuais. Nesse sistema há sempre o fantasma do paradigma individualista nas relações. A empreitada do prazer não é um jogo sempre aberto. Entre o eu

e o outro há corpos em construção. Dentro de uma estrutura que coisifica a existência constantemente se reduzem a objetos inertes.

Pensar a consciência em sua concretude é considerar as relações possíveis. Refletir sobre a identidade pessoal com sua potência de movimento é incluir no horizonte da consciência o questionamento das regras, é impedir a corrupção da autonomia. Alienação reifica a capilaridade da vida íntima e da prática sexual. A multiplicidade de prazeres no campo sexual sobrevive na transformação da identidade. Levar em conta que “o corpo é um texto socialmente escrito” (Preciado, 2017, p. 26) nos ajuda a pensar em todas as atividades sexuais humanas como práticas construídas historicamente, estão em movimento.

Aos poucos se rasga parte da escritura do/para o corpo, possibilitando novos usos, novos corpos, novas escritas e histórias. O personagem dominador é só mais uma destas linhas escritas de certo universo a ser explorado, campo de movimento e de socialização.

## Considerações finais

O BDSM é certa voz da intensidade da arte erótica. Ter protagonistas de relatos tão díspares foi elementar para criticarmos a composição de um sentimento de coletividade e de individualidade, reflexões possíveis da experiência de pertença de um grupo específico, o protagonismo e a organização enquanto movimento dissidente. Apresentar o BDSM é pensar encontros e consciências digladiando contra imposições a si. Problematisa-se a expansão e vivência dos próprios desejos. Os relatos de experiências do BDSM nos permitiram explorar a experiência singular e certas potencialidades de uma sociedade por vir.

Nosso percurso metodológico, a análise do conteúdo no diálogo com outros campos distintos da Psicologia Social, nos fez percorrer relações e reflexões a respeito de certas políticas do sexo. Observamos o embrião tácito de um projeto político, que se trata da abertura para veredas alhures ao campo da moral. As provocações de Preciado (2017) fornece subsídios para compreendermos como os praticantes do BDSM encorpam o grupo dos novos proletários que, longe de corroborar para as relações românticas ou mesmo de reprodução, se inscrevem como forças de reinvenção da ‘indústria’ do sexo. Dominadores e

submissos representam ameaças concretas na tomada para si das fábricas dos corpos e as tecnologias de erotização, podendo ser detentores dos próprios corpos, dos próprios prazeres. Contudo, há políticas de identidade que alimentam e conservam o *status quo* de uma sociedade pautada na alienação, que separa as consciências da atividade dos próprios corpos, coisificando a experiência dos afetos e os prazeres singularizados.

O novo fazer sexual do BDSM institui novos sentidos e novos papéis sociais. A extração de “riquezas” do corpo do outro numa assimetria de poder, assim como é recorrente no binômio marido e mulher da tradição patriarcal, ou na disparidade da sociedade de classes, sofre um duro golpe. No BDSM, a submissão é experiência de estímulo, toque, respeito e é composta por afetos no lugar de vazios. Do mesmo modo, o exercício de dominação se resume em explorar vias que ampliem mutuamente o prazer nos encontros. Dominação outra. Domina-se a arte e não o outro. Perceber sempre o outro enquanto existência que rói as vestes teatrais do dia a dia para riscar a pele da totalidade do corpo sensível. A identidade é também superfície sexualizada, de contato real, espaço de conhecimento de si e do outro, campo de construção histórica, campo de lutas, ainda que seja contra os próprios preconceitos. A atividade sexual guarda potencial de transformação do todo.

As lacunas do presente estudo são possibilidades de leituras e investigações futuras. Ainda será preciso pensar um recorte de gênero, classe social e raça no BDSM, entre outros marcadores sociais relevantes. Confirmamos que as atividades sexuais são materiais de análise para se examinar o funcionamento da sociedade e a composição da identidade pessoal.

Em nosso raciocínio, consideramos que a cada geração (Rubin, 2017) nos é imposto um destino sexual, normas e políticas cristalizadoras. Justamente será nas relações sociais e na articulação da linguagem que conseguimos construir processos emancipatórios contra normas empobrecedoras do movimento próprio da vida. O BDSM se mostra como prática que expurga os fatalismos postos para a sexualidade. Na identidade pessoal, vemos a síntese das forças sociais, seus vestígios de alienação e sua força de emancipação.

Falsar o movimento do corpo, da identidade e da transformação da consciência, é um primeiro efeito da socialização dentro do paradigma ca-

pitalista. Mas nas relações humanas, conservamos nossa frutífera capacidade de aprender, transformar e reinventar a realidade já posta. O sexo também é construção, também pode ser um trabalho –do ponto de vista da atividade e movimento–, passível da constante (re)invenção de si e do coletivo. Estabelecer novos sentidos e significados para escravo e castigo não é o bastante, é preciso recusar todo projeto desumanizador. Recusar um exercício político de alienação é poder trocar os instrumentos, mudar as intensidades, o couro já não é mais a corda trançada que arranca o sangue dos oprimidos. O chicoteio se reformula como estímulo na intensidade certa para o prazer sexual.

A maneira como nos organizamos sexualmente diz muito da sociedade (Preciado, 2017; Rubin, 2017). A análise da consciência, ou análise de identidade se demonstraria um tanto deficiente se há exclusão dos sentidos das práticas sexuais. Nossa investigação permitiu apreender parte dos efeitos das políticas de identidade que atravessam alguns praticantes do BDSM. As narrativas evidenciaram processos de luta e criação de atividades sexuais díspares. Recuperando a proposta de Ciampa (2001), a análise de narrativa se mostrou gesto metodológico fundamental para nossa investigação. Ressaltamos que o BDSM é feixe de relações instituídas que não necessariamente perseguem a sustentação de uma consciência política, embora ofereça encontros puros de socialização emancipatória. Há duplos movimentos aos quais os praticantes se encontram para buscar autonomia para o corpo e prazer intensificado. E é na travessia pela busca de autonomia dos corpos que avistamos a construção de atividades que modificam a consciência.

## Referências dos relatos

- Submisso (2019). *Relatos de fetichistas: O tesão é imprevisível / relato fetichista 419* [webpage]. <http://dombarbudo.com/sesoes/relatos/o-tesao-e-imprevisivel-relato-fetichista-419/>
- Dominador (2019). *Aprenda BDSM: Didático 044 / como um dominador trata o submisso – texto do dominador ciro capitão* [webpage]. <http://dombarbudo.com/guia/o-que-e-bdsm/como-um-dominador-trata-o-submisso-texto-do-dominador-ciro-capitao/>

## Referências bibliográficas

- Berger, P. L. e Luckmann, T. (2014). *A construção social da realidade; tratado de sociologia do conhecimento*. Editora Vozes.
- Bourdieu, P. (2017). *A dominação masculina*. BestBolso.
- Ciampa, A. da C. (2001). *A estória do Severino e a História da Severina*. Brasiliense.
- Ciampa, A. da C. (2012). Identidade. Em: S. T. M. Lane e W. Codo (orgs). *Psicologia social: O homem em movimento* (pp. 58-77). Brasiliense.
- Chizzotti, A. (2000). *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. Cortez.
- Creswell, J. W. (2007). *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. Artmed.
- Facchini, R. e Machado, S. R. (2013). “Praticamos SM, repudiamos agressão”: classificações, redes e organização comunitária em torno do BDSM no contexto brasileiro. *Sexualidad, Salud y Sociedad*, (14), 195-228. <https://doi.org/10.1590/S1984-64872013000200014>
- Ferreira, G. B. (2014). Produção de sujeitos, sexualidades e mercadorias no BDSM: as técnicas e os circuitos SM em San Francisco na etnografia de Margot Weiss. *Estudos Feministas*, 22(1), 361-391. <https://www.scielo.br/j/ref/al/MT5XFJLWqwt8CSvLgMvqPLH/?lang=pt&format=pdf>
- Goffman, E. (2008). *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. LTC.
- Goffman, E. (2014). *A representação do eu na vida cotidiana*. Editora Vozes.
- Gregori, M. F. (2014). Práticas eróticas e limites da sexualidade: contribuições de estudos recentes. *Cadernos Pagu* (42). <https://www.scielo.br/j/cpa/al/P63yQP7dbjs8Vwznb8PHG8K/?format=pdf&lang=pt>
- Grynbaum, A. (2011). *La cultura masoquista*. Casa Editorial Hum.
- Heller, A. (2014). *O cotidiano e a história* (10.<sup>a</sup> ed.). Paz e Terra.
- Lara Júnior, N. e Lara, A. P. S. (2017). Identidade: colonização do mundo da vida e os desafios para a emancipação. *Psicologia & Sociedade*, 29, e171283. <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2017v29171283>
- Lane, S. T. M. (2012a). Linguagem, pensamento e representações sociais. Em: S. T. M. Lane e W. Codo (orgs.). *Psicologia social: O homem em movimento* (pp. 32-29). Brasiliense.
- Lane, S. T. M. (2012b). Consciência/alienação: a ideologia no nível individual. Em: S. T. M. Lane e W. Codo (orgs.). *Psicologia social: O homem em movimento* (pp. 40-47). Brasiliense.

[24] Marcelo Vinicius Costa Amorim, Aline Brentini, Maria Vitória Ferreira y  
Fernando César Paulino-Pereira

- Nunes, A. C. do N. e Pereira, R. D. (2022). BDSM: corpos e jogos de poder. *Revista de Administração de Empresas*, 62(4), e2021-0085. <https://doi.org/10.1590/S0034-759020220404>
- Paulino-Pereira, F. C. (2014). *Psicologia social e identidade humana: a militância social como luta emancipatória*. Paco Editorial.
- Preciado, P. B. (2017). *Manifesto contrassexual*. n-1 Edições.
- Rubin, G. (2017). *Políticas do sexo*. Ubu Editora.
- Silva, V. L. M. da (2018). Sexualidades dissidentes: um olhar sobre narrativas identitárias e estilo de vida no ciberespaço. *Ciência & Saúde Coletiva*, 23(10), 3309-3318. <https://doi.org/10.1590/1413-812320182310.18642018>
- Sacher-Masoch, L. V. (2008). *A Vênus das peles*. Hedra. (Publicado originalmente em 1870).
- Sandoval, S. A. M., Dantas, B. S. do A. e Ansara, S. (2014). Considerações históricas sobre a psicologia política. Em: S. A. M. Sandoval, D. U. Hur e B. S. do Amaral (orgs.). *Psicologia política: temas atuais de investigação* (pp. 13-24). Editora Alínea.
- Sandoval, S. A. M. e Silva, A. S. da (2016). O modelo de análise da consciência política como contribuição para a psicologia política dos movimentos sociais. Em: D. U. Hur e F. Lacerda Júnior (orgs.). *Psicologia, políticas e movimentos sociais* (pp. 25-57). Editora Vozes.
- Souza Filho, J. A. de, e Santos, B. O. (2017). O sintagma identidade-metamorfose-emancipação e sua relação com o construto mundo da vida. *Psicologia & Sociedade*, 29, e170491. <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2017v29170491>
- Zilli, B. (2018). A perversão domesticada: BDSM e o consentimento sexual [dissertação de mestrado]. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. <http://www.bdt.d.uerj.br/handle/1/4267>